

«O MAIOR BRASILEIRO DE TODOS OS TEMPOS»

CHICO XAVIER

pelo Espírito Irmão Jacob

Voltei



A natureza do
mundo espiritual,
e as suas relações
com o mundo físico

Índice

| | |
|-----------------------------|-----------|
| A luta continua | 11 |
| 1 De volta | 15 |
| Dificuldades no intercâmbio | 15 |
| Ponderações necessárias | 18 |
| Primeiras visitas | 19 |
| Tentativa e aprendizado | 20 |
| 2 À frente da morte | 24 |
| Preparativos | 25 |
| Modificação | 26 |
| No grande desprendimento | 28 |
| Minha filha! | 31 |
| 3 Em pleno transe | 33 |
| O Salmo 23 | 33 |
| Recebendo socorro | 35 |
| Em posição difícil | 37 |
| Entre amigos espirituais | 38 |
| 4 Vida nova | 41 |
| Repouso breve | 41 |
| Impressões diferentes | 43 |
| Surpreendido | 45 |
| De retorno a casa | 47 |

| | | |
|-----------|--------------------------------|-----------|
| 5 | Despedidas | 50 |
| | Atenções perturbadoras | 51 |
| | Desligado enfim | 52 |
| | Em dificuldades | 54 |
| | Ante a necrópole | 57 |
| 6 | A passagem | 59 |
| | Na expectativa inquietante | 60 |
| | Entre companheiros | 61 |
| | O aviso de Bezerra | 63 |
| | A partida | 65 |
| 7 | Incidente em viagem | 68 |
| | Atravessando sombria região | 69 |
| | Nova advertência | 71 |
| | A ponte iluminada | 72 |
| | Em oração | 74 |
| 8 | A chegada | 76 |
| | Na paisagem diferente | 77 |
| | Reencontro emocionante | 78 |
| | Velhos amigos | 80 |
| | Em repouso | 82 |
| 9 | Esclarecimentos | 84 |
| | Reanimado | 85 |
| | O repouso além da morte | 86 |
| | Recebendo explicações | 88 |
| | O problema do esquecimento | 90 |
| 10 | Nova moradia espiritual | 92 |
| | Comentários fraternos | 93 |
| | Na intimidade do lar | 94 |

| | | |
|-----------|------------------------------------|------------|
| | O parque de repouso | 97 |
| | Reencontrando a mim mesmo | 98 |
| 11 | A luta prossegue | 100 |
| | Organização educativa | 100 |
| | Ambiente novo | 103 |
| | O magnífico santuário | 104 |
| | Fenômenos da sintonia espiritual | 106 |
| 12 | Entre companheiros | 109 |
| | Visitas fraternas | 110 |
| | Opinião autorizada | 111 |
| | Informações da luta espiritual | 112 |
| | Noite divina | 115 |
| 13 | Revedo círculos de trabalho | 117 |
| | Observações na crosta | 118 |
| | Cortando a via pública | 119 |
| | Aula de preparação espiritual | 121 |
| | Nos serviços de doutrinação | 123 |
| 14 | Excursão confortadora | 125 |
| | Amparo filial | 126 |
| | Viagem feliz | 127 |
| | Visita significativa | 129 |
| | A palavra de um grande benfeitor | 131 |
| 15 | No templo | 133 |
| | Em preparo | 134 |
| | Em pleno santuário | 135 |
| | Nova família de serviço | 136 |
| | Momentos divinos | 138 |

| | | |
|-----------|---|------------|
| 16 | A palavra do companheiro | 141 |
| | O julgamento em nós mesmos | 142 |
| | Ante as bênçãos do serviço | 143 |
| | As esquecidas virtudes da iluminação interior | 145 |
| | Ao fim da reunião | 148 |
| 17 | Na escola de iluminação | 150 |
| | Instituição renovadora | 151 |
| | Informações úteis | 152 |
| | Em aprendizado | 154 |
| | Conceitos de uma cartilha preparatória | 156 |
| 18 | Ensinamento inesperado | 159 |
| | Experimentação | 160 |
| | Ante um espírito perseguidor | 161 |
| | Diálogo surpreendente | 163 |
| | Apontamento salutar | 167 |
| 19 | A surpresa sublime | 170 |
| | Reajustamento | 171 |
| | Vivendo as lições | 173 |
| | Novo despertar | 175 |
| | Sábio aviso | 177 |
| 20 | Retorno à tarefa | 180 |
| | Conselho fraterno | 181 |
| | Ante os serviços novos | 183 |
| | Assembleia de fraternidade | 185 |
| | Recomeço | 188 |
| | Notas | 189 |
| | Índice remissivo | 191 |

A luta continua

Enquanto no corpo, não formulamos a ideia exata do que seja a realidade, além da morte. Ainda mesmo quando o Espiritismo nos ajuda a pensar seriamente no assunto, debalde tentaremos calcular relativamente ao futuro, depois do sepulcro.

Os quadros sublimes ou terríveis no plano externo correspondem, de alguma sorte, à nossa expectativa; contudo, os fenômenos morais, dentro de nós, são sempre fortes e inesperados.

Antes da passagem, tudo me parecia infinitamente simples!

Não passaria a morte de mera libertação do Espírito e mais nada. Seguiria nossa alma para esferas de julgamento, de onde voltaria a reencarnar, caso não se transferisse aos mundos felizes.

Compreendo hoje que aceitar esta fórmula seria o mesmo que menoscabar a existência humana, declarando-se que o homem apenas renascerá na Terra, respirará entre as criaturas e, em seguida, se libertará do corpo de baixa condensação fluídica. Quantos conflitos, porém, entre o aparecimento e a desagregação do veículo carnal? Quantas lições entre a infância e o declínio das forças físicas?

Reconheço, presentemente, que as dificuldades não são menores para a alma liberta dos mais pesados impedimentos do plano material. Entre o ato de perder a carcaça de ossos e a iniciativa de reencarnação ou de elevação, temos o tempo, e o conteúdo desse tempo reside em nós mesmos. Quantos óbices a vencer, quantos enigmas a solucionar?

Acreditei que o fim das limitações corporais trouxesse inalterável paz ao coração, mas não é bem assim.

No fundo, em nossas organizações religiosas, somos uma espécie de combatentes prontos a batalhar à distância de nossa moradia e, quando nos julgamos de posse da vitória final, tornamos ao círculo doméstico para enfrentar, individualmente, a mesma guerra, dentro de casa. Vestimos a roupa de carne, a fim de lutar e aprender e, se muitas vezes sorvemos o desencanto da derrota, em muitas ocasiões nos sentimos triunfadores. Somos, então, filhos da turba distraída, companheiros de mil companheiros, cooperadores de mil cooperadores.

Chega, no entanto, o momento em que a morte nos reconduz à intimidade do lar interior. E se não houve de nossa parte a preocupação de construir, aí dentro, um santuário para as determinações divinas, quantos dias gastamos na limpeza, no reajustamento e na iluminação?

Oh! meus amigos do Espiritismo, que amamos tanto!

É para vocês — membros da grande família que tanto desejei servir — que grafiei estas páginas, sem a presunção de convencer! Não se acreditem quitados com a Lei, por haverem atendido a pequeninos deveres de solidariedade humana, nem se suponham habilitados ao paraíso, por receberem a manifesta proteção de um amigo espiritual! Ajudem a si mesmos, no desempenho das obrigações

evangélicas! Espiritismo não é somente a graça recebida, é também a necessidade de nos espiritualizarmos para as esferas superiores.

Falo-lhes hoje com experiência mais dilatada.

Depois de muitos anos nas lides da Doutrina, estou recompondo a aprendizagem, a fim de não ser o companheiro inadequado ou o servo inútil. Guardem a certeza de que o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo não é apenas um conjunto brilhante de ensinamentos sublimes para ser comentado em nossas doutrinações — é o Código da Sabedoria Celestial, cujos dispositivos não podemos confundir.

Agradeço, sensibilizado, a colaboração de Emmanuel e de André Luiz, nos registros humildes de meu refazimento espiritual, nestas páginas que endereço aos irmãos de ideal e serviço.

E pedindo a Jesus nos fortaleça a todos, no trabalho a que fomos conduzidos, de modo a estendermos, além de nós, as bênçãos que nos felicitam, rogo também ajuda para mim mesmo, a fim de que a Luz divina me esclareça e auxilie, dentro do novo caminho de trabalho e elevação, porque, se a experiência carnal amadurece e passa, a vida prossegue e a luta continua.

IRMÃO JACOB

Pedro Leopoldo (MG), 19 de fevereiro de 1948.

1

De volta

Há muitas semanas guardo a permissão de escrever-lhes, relacionando o noticiário do velho companheiro, já no «outro mundo».

Aliás, isto não é novidade para vocês, nem para mim.

Quando se me esvaía a resistência orgânica, formei o projeto de endereçar-lhes um correio de amigo, logo que a morte me arrebatasse.

O Espiritismo fora para mim não só simples crença religiosa. Tornara-se o clima constante em que minha alma respirava, constituía elemento integrante de meu próprio ser. Daí o entusiasmo vibrante com que me entregava aos serviços da doutrinação e a certeza com que esperava o contentamento de fazer-me sentir aos irmãos de ideal, após a desencarnação.

1.1 Dificuldades no intercâmbio

Mas o serviço não é tão fácil quanto parece à primeira vista. Podemos certamente visitar amigos e influenciá-los; todavia, para isso, copiamos o esforço dos profissionais

da telepatia. Emitimos o pensamento, gastando a potência mental em dose alta e, se a pessoa visada se mostra sensível, à maneira do rádio que se liga à emissora, então é possível transmitir-lhe ideias com relativa facilidade. Por vezes, a deficiência do receptor, aliada às múltiplas ondas que o cercam, impede a consumação de nossos propósitos. Se o instrumento de intercâmbio permanece absorto nas preocupações da luta comum, é difícil estabelecer a preponderância de nossos desejos.

A mente humana atrai ondas de força, que variam de acordo com as emissões que lhe caracterizam as atividades. No aparelho mediúnico, esse fenômeno é mais vivo. Pela sensibilidade que lhe marca as faculdades registradoras, o médium projeta energias em busca do nosso campo de ação e recebe-as de nossa esfera com intensidade indescritível.

Calculem, pois, os obstáculos naturais que nos cerceiam as intenções. Se não há combinação fluídico-magnética entre o Espírito comunicante e o recipiente humano, realizar-se-á nosso intento apenas em sentido parcial.

É quase impossível impormos nossa individualidade completa.

Ainda mesmo em se tratando da materialização, o visitante do «outro mundo» depende das organizações que o acolhem.

Se o médium relaxa a obrigação de manter o equilíbrio fisiopsíquico e se os companheiros que lhe integram o grupo de trabalho vivem estonteados, sem o entendimento preciso dos deveres que lhes competem, torna-se impraticável o aproveitamento dos recursos que se nos oferecem para o bem.

Venho recebendo agora preciosas lições quanto a isto, porque cheguei à leviandade de prometer a mim mesmo que prosseguiria, depois do sepulcro, a corresponder-me regularmente com os leitores de minhas páginas doutrinárias.

Considerava a escrita e a incorporação mediúnicas ocorrências triviais do nosso aprendizado; no entanto, vim de reconhecer, neste plano em que hoje me encontro, a desatenção com que assinalamos semelhantes dádivas. Esses fatos amplamente multiplicados, em nossos agrupamentos, traduzem imenso trabalho dos Espíritos protetores, com reduzida compreensão por parte dos que a eles assistem.

Passei a observar o porquê de muitas promessas de amigos que se não realizaram.

Companheiros diversos haviam partido, antes de mim, convencidos de que poderiam voltar, quando quisessem, trazendo informações da nova esfera e, embora lhes aguardasse a palavra esclarecedora, através de reuniões respeitáveis, a solução parecia adiada indefinidamente.

O homem encarnado é tido em nossos círculos por arrendatário das possibilidades terrestres e, de modo algum, podemos absorver-lhe a autoridade e a direção da experiência física, tanto quanto não lhe será possível determinar na zona de trabalho que nos é própria.

Em vista disso, por mais que desejemos, somos obrigados a depender de vocês em nossas comunicações e interferências.

Os amigos da vida superior necessitam da cooperação elevada para se manifestarem nas obras de amor e fé, na mesma proporção em que as entidades votadas

ao mal reclamam concurso de baixa espécie das criaturas perversas ou ignorantes, no cenário carnal. Verifica-se a mesma disposição em nossa zona de serviço. Vocês conseguirão isto ou aquilo, em nosso ambiente, dependendo, porém, das entidades que puderem mobilizar.

1.2 Ponderações necessárias

Retomando a mim mesmo, após desvencilhar-me do corpo grosseiro, a preocupação de voltar ao reino dos amigos era o meu anseio de cada minuto. Habituar-me, na existência última, fértil de trabalho intensamente vivido, a concretizar os menores desejos, em nos referindo à luta exterior.

O homem prático que se mantém no corpo terrestre por mais de cinquenta anos acostuma-se a ser invariavelmente obedecido.

Isso cria enormes prejuízos para ele, por enclausurar-se instintivamente em roda viciosa de preconceitos nocivos que se lhe cristalizam, vagarosamente, na organização mental. Os melindres passam a torturá-lo. A conveniência é interpretada por desrespeito, a prudência por ingratidão.

Quase me considerei ofendido quando os benfeitores espirituais me cortaram a probabilidade do retorno apressado.

Afinal, pensava de mim para comigo, o que pretendia não era, de maneira nenhuma, a admiração alheia, nem tencionava aproveitar o ensejo para a propaganda de meu nome. Interessava-me, sim, a prova da sobrevivência.

Para tanto, se me fosse possível, tocaria um clarim mais alto que uma sirene festiva.

Amigos delicados, porém, fizeram-me saber que o ruído, no âmbito da espiritualidade, é tão prejudicial quanto o barulho intempestivo na via pública e, depois de ouvir longa série de ponderações, a me rearticularem os propósitos desordenados, entendi, graças a Deus, que minhas investidas se filiavam a pura ingenuidade.

1.3 Primeiras visitas

As primeiras visitas que efetuei, junto aos núcleos doutrinários, verificaram-se justamente no Rio. Minha atual situação, contudo, era muitíssimo diferente. Quando no corpo, identificava somente reduzida região de trabalho. Acompanhado de amigos que me conduziam solícitos, reparava agora um mundo novo, de aspecto intraduzível.

As casas espíritistas, em função de estudo e socorro, eram verdadeiras colmeias de entidades desencarnadas. Algumas, em serviço de benemerência evangélica; outras, e em número imenso, vinham à cata de alívio e esclarecimento, a lembrar-nos multidões de acidentados às portas dos hospitais de emergência.

O volume das obrigações agigantou-se aos meus olhos.

Compreendi, então, de quanta abnegação temos necessidade, a fim de perseverarmos no bem, até ao fim da luta, segundo os ensinamentos de Jesus.

Minha primeira impressão foi negativa. No fundo, cheguei a admitir, por alguns instantes, a incapacidade da colaboração humana, ante a imensidão do serviço; todavia,

a palavra de companheiros experientes reergueu-me o bom ânimo.

Sementes minúsculas produzem toneladas de grãos que abastecem o mundo; assim também, os germens da boa vontade improvisam atividades heroicas na edificação humana.

Essa conclusão tranquilizou-me e tive a alegria de fazer-me notado em vários centros da Doutrina, valendo-me da cooperação de alguns médiuns que me interpretaram a personalidade. As oportunidades, porém, não me ofereciam recursos ao noticiário mais completo. Comecei a guerrear meu individualismo gritante e, examinando a respeitabilidade dos interesses alheios, não me senti suficientemente encorajado a interferências que redundassem no prejuízo do bem geral.

1.4 Tentativa e aprendizado

Depois de variadas experiências, vim a Pedro Leopoldo pela primeira vez, após a libertação.

Como se me afigurou diferente o grupo que eu visitara, em agosto de 1937, em companhia do meu prezado Watson!¹

A casa humilde estava repleta de gente desencarnada.

Os companheiros, ao redor da mesa, eram poucos. Não excedia de vinte o número de pessoas no recinto. As paredes como que se desmaterializavam, dando lugar

¹ Em agosto de 1937, o autor esteve pessoalmente em Pedro Leopoldo, acompanhado de um amigo.

a vasto ajuntamento de almas necessitadas, que o orientador da casa, com a colaboração de muitos trabalhadores, procurava socorrer com a palavra evangélica.

Entrei, ladeando três irmãos, recebendo abraços acolhedores.

Notando os cuidados do dirigente, prevendo as particularidades da reunião, recordei os Espíritos controladores a que se referem comumente nossos companheiros da Inglaterra.

Estávamos perante equilibrado diretor espiritual.

Todas as experiências e realizações da noite permaneciam programadas.

Incontáveis fios de substância escura partiam, como riscos móveis, das entidades perturbadas e sofredoras, tentando atingir os componentes da pequena assembleia de encarnados, mas, sob a supervisão do mentor do grupo, fez-se belo traço de luz em torno do quadrado a que vocês se acolhiam, traço esse que atraía as emanções de plúmbea cor, extinguindo-as.

Explicou-me um amigo que as pessoas angustiadas, sem o corpo físico, projetam escuros apelos, filhos da tristeza e da revolta, nas casas de fraternidade cristã em que se improvisam tarefas de auxílio.

Enquanto vocês oravam e atendiam a solicitações entre os dois mundos, observei que trabalhadores espirituais extraíam de alguns elementos da reunião grande cópia de energias fluídicas, aproveitando-as na materialização de benefícios para os desencarnados em condições dolorosas. Não pude analisar toda a extensão do serviço que aí se processava, mas esclareceu-me dedicado companheiro que em todas as sessões de fé religiosa, consagradas ao bem

do próximo, os cooperadores dispostos a auxiliar com alegria são aproveitados pelos mensageiros dos planos superiores, que retiram deles os recursos magnéticos que Reichenbach batizou de «forças ódicas», convertendo-os em utilidades preciosas para as entidades dementes e suplicantes. Minha mente, contudo, interessava-se na aproximação com o médium, fixa na ideia de valer-se dele para contato menos ligeiro com o mundo que eu havia deixado.

Rompi as conveniências e pedi a colaboração do supervisor da casa, embora o respeito que a presença dele me inspirava. Não me recebeu o pedido com desagrado. Tocou-me os ombros, paternalmente, e acentuou, esquivando-se:

— Meu bom amigo, é justo esperar um pouco mais. Não temos aqui um serviço de mero registro. Convém ambientar a organização mediúnica. A sintonia espiritual exige trato mais demorado.

Lembrei-me, então, imperfeito e egoísta que ainda sou, de André Luiz. Ele não fora spiritista; no entanto, começara, de pronto, o noticiário do «outro mundo». O diretor, liberal e compreensivo, mergulhou em mim os olhos penetrantes, como se estivesse a ler as páginas mais íntimas de meu coração e, sem que eu enunciasse o que pensava, acrescentou, humilde:

— Não julgue que André Luiz haja alcançado a iniciação de improviso. Sofreu muito nas esferas purificadoras e frequentou-nos a tarefa durante setecentos dias consecutivos, afinando-se com a instrumentalidade. Além disto, o esforço dele é impessoal e reflete a cooperação indireta de muitos benfeitores nossos que respiram em esferas mais elevadas.

E passou a explicar-me as dificuldades, indicando os óbices que se antepunham à ligação e relacionando esclarecimentos científicos que não pude guardar de memória. Em seguida, prometeu que me auxiliaria no instante oportuno.

Realmente, estava desapontado, mas satisfeito.

Avizinhou-me dos amigos, incapaz de fazer-me percebido; entretanto, começava a entender, não somente os empecilhos naturais no intercâmbio entre ambas as esferas, mas também a necessidade do desprendimento e da renúncia na obra cristã que o Espiritismo, com Jesus, está realizando em favor do mundo.

2

À frente da morte

Todos nós, que estudamos o Espiritismo, consagrando-lhe as forças do coração, somos comumente assediados pela ideia da morte.

Como se opera a desencarnação? Que forças atuam no grande momento? De vez em quando, abordamos a experiência de pessoas respeitáveis e concluímos pela expectativa indagadora.

Por minha vez, lera descrições e teses preciosas, relativamente ao assunto, inclusive Bozzano e André Luiz. Desse último, recolhera informações que me sensibilizaram profundamente. Pouco antes de abrigar-me no leito de morte, meditara-lhe as narrativas acerca da desencarnação de alguns companheiros² e, perante os sintomas que me assaltavam, não tive qualquer dúvida. Aproximava-se o fim do corpo.

² Nota do autor espiritual: *Obreiros da vida eterna*.

2.1 Preparativos

Não obstante o valor com que passei a encarar a situação e apesar do velho hábito de convidar os amigos para o meu enterramento, em observações chistosas dos dias de bom humor, descansei o organismo extenuado, na posição horizontal, mesmo porque me era totalmente impossível agir de outro modo.

O irmão Andrade, Espírito benemérito dedicado à Medicina, com quem tive a alegria de colaborar alguns anos, recomendara absoluto repouso e tão insistente se fizera o conselho que fui obrigado a abandonar as últimas atividades doutrinárias.

O repouso físico, porém, agravava-me as preocupações mentais. O impedimento das mãos impunha-me verdadeira revolução íntima. No silêncio do quarto, os pensamentos como que se me evadiam do cérebro, postando-se ao meu lado a argumentarem comigo. Alguns em posição simpática, outros em atitude adversa.

— Velho Jacob — proclamavam no fundo —, você agora deixará as ilusões da carne. Viajará de regresso à realidade. Prepare-se. Que possui na bagagem? Não se esqueça de que a Justiça tudo vê, tudo ouve, tudo sabe.

Por vezes, interpunha recursos. A consciência compeliame a retroceder aos problemas nos quais funcionara com desacerto. Todavia, buscava atenuantes às próprias faltas. Alegava incertezas e imperativos da vida.

Confesso, no entanto, que as incursões, dentro de mim mesmo, angustiavam-me o ser. Se a vigília se tornara menos agradável, o sono fizera-se-me doloroso. Não chegava a penetrar a região dos sonhos. Dispondo-me a dormir,

supunha ingressar num modo inabitual de ser, em que a verdade se me patenteava com mais clareza.

Via-me noutra paisagem, noutro clima, ante conhecidos e desconhecidos, qual se estivera perante enorme multidão de pessoas desejosas de se fazerem compreendidas por mim.

De outras ocasiões, minha memória recuava no tempo. Revia situações alegres e tristes, confortadoras e embaraçosas, de há muito extintas. Novamente no corpo exausto, sentia extremas dificuldades para reter as imagens e descrevê-las. O cérebro acusava vida intensa, mas, no serviço de comunicação com o exterior, sentia-me esgotado, tal qual um limão espremido.

A fé preparava-me o Espírito, ante a grande transição; todavia, os receios avultavam, e as preocupações cresciam sempre.

2.2 Modificação

O desvanecimento da força física determinava fenómeno singular em minha alma.

Surpreendia-me enternecido e sentimentalista. Acostumara-me a tratar com o mundo dentro do maior senso prático. Estimava a pregação da caridade, convicto, porém, de que a energia seca era indispensável nas relações humanas.

Muita vez, na intimidade de companheiros encarnados e entidades desencarnadas, sentira-me ríspido, contundente.

Fazia frequentemente o possível por não desmerecer a confiança dos que me estimavam, entretanto, nem sempre sabia ser doce na extensão da personalidade. Semelhante

traço individual, que as lutas ásperas da experiência humana me impuseram, representava motivo de não poucos dissabores para mim, porque, no íntimo, aspirava a servir à fraternidade legítima, em nome do Cordeiro de Deus.

Prostrado agora, inesperada sensibilidade passou a dirigir-me.

A renovação de caminhos obrigava-me a esquecer negócios e interesses terrenos.

Não me era mais possível governar o leme do barco material, e esse impositivo, ao que me pareceu, *proporcionava-me acesso a mim mesmo*.

Afetava-me a necessidade de ternura e compreensão, como se naquelas horas estivesse ingressando na idade juvenil.

O homem da *ativa humana*, obrigado a defender-se e a preservar o bem dos que lhe eram caros, através de mil modos diferentes, estava passando...

Quanto a isto, a morte gradual era uma realidade.

Redescobria-me, afinal.

Não era eu mais que um homem comum, reclamando socorro e carinho. Trazia o coração oprimido por aflições indizíveis. Se a dispneia me roubava a tranquilidade, os temores povoavam-me o Espírito de tristezas e sombras. Jamais experimentara antes, tamanha sensação de exílio e deslocamento.

Na Terra, estava cercado de benditas dedicações, por parte das filhas queridas e dos amigos abnegados e, a rigor, não me seduzia o regresso à juventude do corpo. Seriam saudades do Além o fator determinante da inquietude que me martirizava? Também não. Reconhecia os meus títulos de homem imperfeito que, de modo

algun, deveria sonhar com o paraíso. Esperava-me, naturalmente, laborioso futuro em qualquer parte.

No entanto, ansiedades dolorosas pesavam-me na alma abatida. Eu, que fazia guerra às lágrimas, reconhecia-lhes, agora, o sumo poder; represavam-se-me nos olhos, com frequência, quando, a sós, me entregava às longas meditações. Orava, fervoroso, mas, ao correr da prece solitária, sentimentalizava-me qual criança.

Entrara nas vésperas da total exoneração, quanto aos deveres terrestres. Via-me prestes a deixar o ninho planetário que me abrigara por dilatados anos...

A que porto demandaria?!...

2.3 No grande desprendimento

Recordando as experiências do investigador De Rochas, identificava-me em singulares processos de desdobramento.

Recluso, na impossibilidade de receber os amigos para conversações e entendimentos mais demorados, em várias ocasiões me vi fora do corpo exausto, buscando aproximar-me deles.

Nas últimas trinta horas, reconheci-me em posição mais estranha. Tive a ideia de que *dois corações* me batiam no peito. Um deles, o de carne, em ritmo descompassado, quase a parar, como relógio sob indefinível perturbação, e o outro pulsava, mais equilibrado, mais profundo...

A visão comum alterava-se. Em determinados instantes, a luz invadia-me em clarões subitâneos, mas, por minutos de prolongada duração, cercava-me densa neblina.

O conforto da câmara de oxigênio não me subtraía as sensações de estranheza.

Observei que frio intenso veio ferir-me as extremidades. Não seria a integral extinção da vida corpórea?

Procurei acalmar-me, orar intimamente e esperar. Após sincera rogativa a Jesus para que me não desamparasse, comecei a divisar à esquerda a formação de um depósito de substância prateada, semelhante a gaze tenuíssima...

Não poderia dizer se era dia ou se era noite em torno de mim, tal o nevoeiro em que me sentia mergulhado, quando notei que duas mãos caridosas me submetiam a passes de grande corrente. À medida que se desdobravam, de alto a baixo, detendo-se com particularidade no tórax, diminuía-se-me as impressões de angústia. Lembrei, com força, o irmão Andrade, atribuindo-lhe o benefício, e implorei-lhe mentalmente se fizesse ouvir, ajudando-me.

Qual se estivesse sofrendo melindrosa intervenção cirúrgica, sob máscara pesada, ouvi alguém a confortar-me: «Não se mexa! Silêncio! Silêncio!...».

Concluí que o término da resistência orgânica era questão de minutos.

Não se estendeu o alívio, por muito tempo.

Passei a registrar sensações de esmagamento no peito.

As mãos do passista espiritual concentravam-se-me agora no cérebro. Demoraram-se, quase duas horas, sobre os contornos da cabeça. Suave sensação de bem-estar voltou a dominar-me, quando experimentei abalo indescritível na parte posterior do crânio. Não era uma pancada. Semelhava-se a um choque elétrico, de vastas proporções,

no íntimo da substância cerebral. Aquelas mãos amorosas, por certo, haviam desfeito algum laço forte que me retinha ao corpo de carne...

Senti-me, no mesmo instante, subjogado por energias devastadoras.

A que comparar o fenômeno?

A imagem mais aproximada é a de uma represa, cujas comportas fossem arrancadas repentinamente.

Vi-me diante de tudo o que eu havia sonhado, arquitetado e realizado na vida. Insignificantes ideias que emitira, tanto quanto meus atos mínimos, desfilavam, absolutamente precisos, ante meus olhos aflitos, como se me fossem revelados de roldão, por estranho poder, numa câmara ultrarrápida instalada dentro de mim. Transformara-se-me o pensamento num filme cinematográfico misteriosa e inopinadamente desenrolado, a desdobrar-se, com espantosa elasticidade, para seu criador assombrado, que era eu mesmo.

No trabalho comparativo a que era constrangido pelas circunstâncias, tive a ideia de que, até aquele momento, havia sido o construtor de um lago cujas águas crescentes se constituíam de meus pensamentos, palavras e atos, e a cuja tona minha alma conduzia a seu talante o barco do desejo; agora que as águas se transportavam comigo de uma região para outra, via-me no fundo, cercado de minhas próprias criações.

Não tenho, por enquanto, outro recurso verbal para definir a situação. Recordei o livro de Bozzano,³ em que

³ Nota do autor espiritual: *A crise da morte*.

ele analisa o comportamento dos moribundos; entretanto, sou forçado a asseverar que todas as narrações que possuímos, nesse sentido, comentam palidamente a realidade.

2.4 Minha filha!

Observando-me relegado às próprias obras (por que não confessar?), senti-me sozinho e amedrontei-me. Esforcei-me por gritar, implorando socorro, porém os músculos não mais me obedeceram.

Busquei abrigar-me na prece, mas o poder de coordenação escapava-me.

Não conseguiria precisar se eu era um homem a morrer ou um náufrago a debater-se em substância desconhecida, sob extenso nevoeiro.

Naquele intraduzível conflito, lembrei mais insistentemente o dever de orar nas circunstâncias mais duras... Rememorei a passagem evangélica em que Jesus acalma a tempestade, perante os companheiros espavoridos, rogando ao Céu salvação e piedade...

Forças de auxílio dos nossos protetores espirituais, irmanadas à minha confiança, sustaram as perturbações. Braços vigorosos, não obstante invisíveis para mim, como que me reajustavam no leito. Aflição asfixiante, contudo, oprimia-me o íntimo. Ansiava por libertar-me. Chorava conturbado, jungido ao corpo desfalecente, quando tênue luz se fez perceptível ao meu olhar. Em meio do suor copioso, lobriguei minha filha Marta a estender-me os braços. Estava linda como nunca. Intensa alegria

transbordava-lhe do semblante calmo. Avançou, carinhosa, enlaçou-me o busto e falou-me, terna, aos ouvidos:

— Agora, paizinho, é necessário descansar.

Tentei movimentar os braços de modo a retribuir-lhe o gesto de amor, mas não pude erguê-los. Pareciam guardados sob uma tonelada de chumbo.

O pranto de júbilo e reconhecimento, porém, correu-me abundante dos olhos. Quem era Marta, naquela hora, para mim? Minha filha ou minha mãe? Difícil responder. Sabia apenas que a presença dela representava o mundo diferente, em nova revelação. E entreguei-me, confiado, aos seus carinhos, experimentando felicidade impossível de descrever.

Uma leitura obrigatória para todos aqueles que queiram entender os pormenores da desencarnação e o mundo dos espíritos.

Se a vida continua, para onde vai o Espírito depois da morte? Através da psicografia de Chico Xavier, o Espírito Irmão Jacob relata a separação entre o seu espírito e a sua matéria, revelando sequencialmente todas as etapas desse processo. Um livro de grande importância, pela riqueza dos detalhes, narrando as experiências no além-mundo, e com isso esclarecendo temas como o que acontece no abandono do corpo físico, o intercâmbio mediúnico, o reajuste à nova vida e o reencontro com familiares e amigos.

Através de histórias e comentários pessoais, o autor espiritual apresenta-nos as suas descobertas sobre a rotina que nos espera após a morte e a prática essencial do desenvolvimento pessoal para que possamos ter uma experiência feliz no mundo espiritual.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [penguinlifestylept](#)

 [penguinlivros](#)

ISBN 9789897849800



9 789897 849800 >